



## Povo de Terreiro e sua relação com a natureza

*Yard of People and their relationship with nature*

VIDAL, M<sup>a</sup> Sarah Cordeiro<sup>1</sup>; LIMA, Cledir dos Santos<sup>2</sup>; SILVA, Devanshirles Maria<sup>3</sup>;  
FIGUEIREDO, Marcos Antonio Bezerra<sup>4</sup>

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco, [sarahvidal@yahoo.com.br](mailto:sarahvidal@yahoo.com.br); 2 Universidade Federal Rural de Pernambuco, [clelima@hotmail.com](mailto:clelima@hotmail.com); 3 Universidade Federal Rural de Pernambuco, [shirley0110@hotmail.com](mailto:shirley0110@hotmail.com); 4 Universidade Federal Rural de Pernambuco, [mfigueiredoufrpe@gmail.com](mailto:mfigueiredoufrpe@gmail.com)

**Resumo:** A experiência relatada trata da vivência e aprofundamento teórico relacionado ao Povo de Terreiro praticante do Candomblé e Umbanda, religiões de matrizes africanas, e de como ele se organiza para resistir e difundir suas tradições e saberes sem apoio estatal, tanto do ponto de vista da inclusão social quanto da geração do conhecimento científico. Tendo como destaque a sua relação com a natureza, a alimentação e a cura a partir de uma visão sistêmica, holística e não fragmentada da natureza, na medida em que foi apresentado um vasto conhecimento cultural herdado dos/as seus ancestrais que se relacionam com a integração dos conhecimentos botânicos, culinários e medicinais e, assim, aproximando-se da perspectiva da agroecologia enquanto um enfoque integrador de diversas áreas do conhecimento.

**Palavras-Chave:** Agroecologia; alimentação; cura; inclusão social; religião.

**Abstract:** The experience reported deals with the experience and theoretical studies related to the Yard of People that practice Candomblé and Umbanda, religions of African origin, and how it is organized to resist and spread their traditions and knowledge without state support, both from the point of view of social inclusion as the generation of scientific knowledge. Having a highlight with their relationship with nature, food and the cure from a systemic view, holistic and not fragmented of nature, as it was presented with a vast cultural knowledge inherited from their ancestors that relate the integration of botanical, culinary and medicinal knowledge and thus approaching the perspective of agroecology as an integrative approach to different areas of knowledge.

**Keywords:** Agroecology; food; cure; social inclusion; religion.

### Contexto

A experiência com a Instalação de Povos de Santo foi vivenciada na ocasião da Jornada do Ano Internacional da Agricultura Familiar, Camponesa e Indígena de Pernambuco, com o tema “Povos de Pernambuco – Diversidade, Território e Soberania Alimentar”, ocorrida na Universidade Federal Rural de Pernambuco, em Recife/PE, nos dias 15 e 16 de outubro de 2014, com o objetivo de criar um espaço de socialização, troca de conhecimentos, integração e articulação entre o saber técnico-científico e os saberes populares.

### Descrição da experiência



Como atividade complementar da turma do primeiro período do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, o aporte metodológico utilizado para a participação, observação presencial e aprofundamento teórico contou com: “caderno de campo”, gravação e registro fotográfico; entrevista semiestruturada com Mãe Verônica; e, revisão bibliográfica.

A Instalação sobre Povo de Terreiro teve como expositores/as Mãe Verônica, Pai Luiz, Pai Antônio, Marta e Mãe Valéria. Todas/os praticantes de religiões de matrizes africanas: Candomblé e Umbanda. Contou com cerca de 30 participantes, entre estudantes da UFRPE e convidados/as de outras instituições, Figura 1. A terminologia Mãe-de-Santo e Pai-de-Santo é atribuída à pessoa responsável pela direção espiritual e administrativa do Terreiro.



Figura 1: Participantes. Instalação Povo de Terreiro. UFRPE, 2014.

Durante a Instalação, Mãe Verônica com a contribuição de Pai Luiz apresentaram os propósitos daquele momento, cujo conteúdo foi: o que é a religião de matriz africana; relação com a natureza e a ecologia; utilização das plantas para prevenção de doenças e cura; e, cozinha de *Orixá*. Os/as expositores/as esclareceram que a principal diferença entre Candomblé e Umbanda é que a primeira é uma religião cultuada e trazida da África, pelos/as escravos/as, que mantém no Brasil as características da sua origem. Já a Umbanda, é uma religião criada no Brasil a partir do sincretismo católico-feitichista, numa época de grande repressão das religiões africanas no Brasil, em que era proibido o culto dos *Orixás* na sua forma de origem. Segundo o *site* [ocandomble.wordpress.com](http://ocandomble.wordpress.com) (2015), a Umbanda é a única religião brasileira e foi fundada em 1917 na cidade de Niterói. Reúne na sua filosofia conhecimentos do Catolicismo, do Kardecismo, do Budismo, do Islamismo e do Candomblé, de onde tirou a forma de vestir dos médiuns (roupas de baianas), o uso dos atabaques (instrumentos de percussão) e a nomenclatura de sete dos *Orixás*, adotando para estes *Orixás* cores diferentes das utilizadas no Candomblé.



Na sua exposição, Pai Luiz, explicou que os cultos a religiões afrodescendentes se relacionam com o mundo e tratam a natureza e a ecologia como um lugar “onde tudo é sagrado e tudo é divino”. Sobre esta questão, Mãe Verônica esclarece que os terreiros possuem uma forte ligação com a natureza e o sagrado, em que “há hora certa de plantar, de colher e é retirado da natureza apenas o necessário”, e que sua cultura é propagada pela “oralidade”. Nessa mesma perspectiva, Pai Antonio, disse que “o Candomblé considera a natureza um espaço sagrado que deve ser respeitado e bem cuidado e está em consonância com a atual preocupação mundial pela preservação do meio ambiente”. Para ele, “na mitologia *yorubá*, cada *orixá* é responsável por um pedacinho da natureza: mares, rios, solos, vegetação e minerais, nos quais todos têm seus protetores”.

Foram apresentados, na Instalação, exemplos de produtos utilizados para alimentação (chuchu, alface e maracujá) e outros que servem para remédio (cascas e folhas de ervas). Pai Antônio que é juremeiro, aquele que além do culto aos *orixás* também cultua a jurema sagrada. É grande conhecedor das plantas e corrobora com a Mãe Verônica quando observa que as ervas são utilizadas como remédio para cuidar dos problemas físicos e espirituais das pessoas, como também podem ser usadas em “substituição ao agrotóxico para tratar as plantas com fungos e doenças”, e que alguns terreiros têm sua própria produção. Segundo Pai Luiz, remédio significa *oogùm* e, também, magia. Pai Antonio apresentou algumas plantas utilizadas na alimentação e cura, quais sejam: manjerição, calmante e expectorante; capim santo, afina o sangue e reduz a hipertensão; quixaba, trata problemas na coluna; batata doce, obtenção de massa muscular; anil estrelado, regula a vesícula; aroeira, asma, inflamação e dor na garganta; quiabo (matéria-prima do caruru, Figura 2), reduz a glicose; colônia, febre e relaxamento; entre outras.

Pai Luiz, esclareceu acerca do domínio do “branco”, que na medida em que deixou de traficar negros/as para escravizá-los/as passou a escravizá-los/as no seu próprio *habitat*, por meio das colonizações ocorridas na África. “Impôs a língua, a religião, os costumes”, e refletiu que até hoje os/as negros/as ainda são colonizados/as. Apresentou um pouco da cultura alimentar do Povo de Terreiro, com fotos e significados, esclarecendo que os alimentos oferecidos às divindades nas cerimônias são denominados de comida votiva (comida comemorativa preparada em determinada data, servida como oferenda e cada *orixá* tem sua preferência) e que as pessoas também se alimentam delas. A denominação da “comida votiva é *ebó*, que significa oferenda”. Como o exemplo do *Caruru* que é servido nos terreiros acompanhado de preceitos que viram ações propiciatórias das divindades gêmeas que são filhos de *Xangô* com *Iansã* ou de *Xangô* com *Oxum*. É preparado com quiabos cortados, azeite de dendê, cebolas raladas, camarões secos, sal, castanha e amendoins torrados e moídos, e gengibre ralado. As vasilhas são colocadas sobre uma esteira e todas as crianças são convidadas a comer. Ritual que rememora fartura, ancestralidade e vida sagrada. Figura 2. Outros exemplos são: *acarajé*, *abará*, *abalá*, *abadô*, *aberém*, *abóbora de caboclo*, *acaçá*, *ado*, *ajebo*, *amalá*, *amió*, *angu*, *arroz de hausa*, *bobó*, *carurú*, *deburu*, *ebôya*, *ebó*, *efó*, *erã peterê*, *ekuru*, *farofa*, *fubá*, *furá*, *imbé*, *ipeté*, *ixé*, *jacuba*, *jurema*, *lelé*, *mungunzá* (ritual), *omolocum*, *oxoxó*, *vatapá* e *xinxim de galinha*.



Figura 2. Caruru. Instalação Povo de Terreiro. UFRPE, 2014.

Ao final da instalação os/as expositores/as serviram *caruru* aos/as participantes, apresentado numa gamela, tipo de prato para esta comida votiva ser servida.

## Resultados

A instalação propiciou entendimentos básicos sobre as religiões de matrizes africanas e a sua relação com a natureza, na alimentação e na cura, desmistificando (pre)conceitos instalados em decorrência da nossa colonização de base cristã. É no Terreiro que nasce a simbologia “Povo-de-santo” associada à união de homens e mulheres que, por meio de laços sentimentais e sociais, encontram nos Terreiros o local simbólico e idílico de um regresso à África Antiga, à terra dos ancestrais divinizados.

De acordo com Carvalho (2011:51-58), a rede complexa e vasta que molda a economia do axé foi desenhada e construída no Brasil a partir da condição de escravidão, uma das piores condições de vida que já existiu em toda a história da humanidade. A inteligência organizativa, gerencial, política, econômica e de tecnologia social que construiu essa rede, eficiente e duradoura, merece ser destacada, pois atesta a recomposição e a ampliação de tradições e saberes africanos que foram realizadas ao longo de séculos sem nenhum apoio estatal e sem que nenhum segmento social em posição de poder ou de acesso a conhecimentos especializados (como as universidades, por exemplo) pudesse apoiar ou assessorar. É um povo que, apesar de industrioso e habilidoso, ainda se situa na faixa social menos favorecida da sociedade. O mesmo autor ainda pondera que a “perspectiva de um circuito de economia baseado na produção familiar agropecuária, os terreiros são um grande exemplo de resistência ao padrão simplificador e redutor de vida que a ambientalista indiana Vandana Shiva denomina de ‘monocultura da mente’: a introjeção de bens produzidos em série, estereotipados e reproduzidos em uma variedade como a monocultura de agronegócio de escala transnacional”.



A experiência com a Instalação, bem como o aporte teórico aqui exposto, evidenciam que o Povo de Terreiro é portador de uma visão sistêmica, holística e não fragmentada, atomística, que são premissas do conhecimento científico ocidental. Assim, os povos de terreiros ao realizarem a integração de conhecimentos botânicos, culinários e medicinais demonstram o rico acervo cultural herdado e se aproximam da perspectiva da agroecologia enquanto um enfoque integrador de diversas áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo, provocou os/as participantes a se aprofundarem na perspectiva da ampliação do conhecimento e reconhecimento da contribuição que os/as seguidores/as dessas religiões oferecem à nossa sociedade e ao meio ambiente.

### Agradecimentos

Às comunidades dos Terreiros de Candomblé e de Umbanda, representadas na Instalação por Mãe Verônica, Pai Luiz, Pai Antônio, Marta e Mãe Valéria; aos/as organizadores/as da Jornada; ao Núcleo de Agroecologia e Campesinato – NAC/UFRPE; Núcleo de Estudos Afro Brasileiros – NEAB/DED/UFRPE.

### Referências bibliográficas:

CARVALHO, J. J. A economia do axé: os terreiros de religião de matriz afro-brasileira como fonte de segurança alimentar e rede de circuitos econômicos e comunitários. In: ARANTES L. L., RODRIGUES M. (organização). **Alimento: Direito Sagrado. Pesquisa Socioeconômica e Cultural de Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros**. Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2011.

MANUELA, Maria. **Candomblé e Umbanda**. 14 de setembro de 2009. Disponível em: <<https://ocandomble.wordpress.com/tag/umbanda/>>. Acesso em 23 de mar. 2015, 14:10.

### Entrevista e Fotos:

Jornada Povos de Pernambuco, diversidade, território e soberania alimentar. Recife, Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, 16 de outubro de 2014.